

RETROSPECTIVA

Em quatro anos, muitas crises para contornar

O Governo Sarney começou sob o signo da doença do presidente eleito, Tancredo Neves, e de divergências já na primeira equipe econômica da Nova República. Abaixo, um cronograma das crises enfrentadas por Sarney, nesses quatro anos de Governo:

14 OUT 1988
1985

O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, tenta fazer o que Tancredo pregou em seu discurso de posse, lido pelo presidente Sarney: fechar o cofre e perder a chave. Sem conseguir proibir os gastos, Dornelles tenta segurar a inflação, que decolava impulsionada pelas recomposições salariais, com um congelamento por três meses das tarifas públicas. Mas a medida piorou a situação das estatais e aumentou o déficit. Resultado, o ministro deixa o Governo em 27 de agosto. Antes da queda de Dornelles, o Governo havia divulgado o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República (PND), estabelecendo as diretrizes básicas da economia até o fim da década de 80. Mas o plano elaborado por João Sayad ficou ultrapassado, pois boa parte de suas metas, como a produção de 740 mil barris diários de petróleo em 1989, não será atingida.

CORREIO BRAZIL
1986

O ano começa com a ameaça de um rápido processo biperinflacionário, o que leva o presidente Sarney a decretar em fevereiro o Plano Cruzado. A promessa de desenvolvimento japonês com inflação suíça foi um sucesso nos primeiros meses, levando a economia a funcionar a todo vapor com taxas de 1% ao mês. Mas em vez de afrouxar o congelamento, o Governo preferiu conter a demanda, criando o "Cruzadinho" em julho, instituindo uma série de empréstimos compulsórios, cujos recursos alimentaram o novo Fundo Nacional de Desenvolvimento. Veio a eleição e com a vitória esmagadora do PMDB, é lançado o Cruzado II, permitindo reajustes de preços na faixa de até 120% em uma série de produtos e de serviços públicos e privados. O pacote de novembro ressuscitaria a correção monetária, causando transtornos aos pequenos empresários.

1987

Com a queda das divisas, o Governo é obrigado a recorrer à moratória externa, perdendo fontes de financiamento ainda disponíveis. No plano interno, a inflação recrudescce e os gatilhos salariais disparam, resultando na queda de Funaro e na nomeação do economista Bresser Pereira para a sua vaga na Fazenda.

Bresser entrou em abril e em junho anuncia o "Plano de Estabilização", ou "Plano Bresser", congelando preços e salários por mais 90 dias, extinguindo o gatilho e criando a URP. Mas o Governo não consegue cumprir a promessa de um déficit de 2% do PIB em 87 e este número foi quase três vezes maior: 5,4%. Desgastado, Bresser Pereira deixa o comando da economia em 20 de dezembro.

1988

O ano começa com a interinidade de Mailson da Nóbrega, que posteriormente é confirmado no cargo. Mailson anuncia a política do "feijão com arroz" e açerta as contas com os bancos internacionais e com o FMI. Mas o déficit público não está contido plenamente, a Operação Desmonte pouco a pouco vai sendo remontada por pressões alheias e a inflação volta a disparar.

CORREIO BRAZILIENSE